

* 8 MAR 1991 JORNAL DE BRASÍLIA JORNAL DA TARDE

Negociação da dívida avança, mas pouco.

Os bancos credores reduziram de US\$ 2,4 bilhões para US\$ 2,3 bilhões, ou 28,75%, sua demanda de pagamento em dinheiro dos US\$ 8 bilhões de juros atrasados até 31 de dezembro do ano passado. A última oferta brasileira, feita há duas semanas, foi de US\$ 1,5 bilhão. As posições aproximaram-se, também, quanto ao prazo de vencimento dos títulos que o governo emitirá para refinaranciar a maior parte dos atrasados. Os bancos, que haviam pedido cinco anos, sem carência, melhoraram sua posição para nove anos, com um de carência. O Brasil, por sua vez, reduziu sua reivindicação de quinze para doze anos, porém quer mais tempo de carência do que os bancos oferecem. Persistem diferenças importantes quanto à taxa de juros média a ser aplicada ao novo papel da dívida.

Arquivo/AE - 03.04.88



Jório Dauster:
"as conversas vão indo bem".

O negociador brasileiro, embaixador Jório Dauster, que está em Nova York há mais de um mês, disse que as conversas "estão indo bem" e ganharam velocidade. Mas evitou prever quando será fechado um acordo. Segundo Jório, as duas partes já

chegaram a um entendimento sobre a estrutura de um acordo sobre os atrasados. O acordo incluiria um parcelamento do pagamento em dinheiro. "Agora um lado já está conseguindo ver o outro", afirmou Jório, procurando ilustrar o progresso feito nas difíceis negociações, iniciadas em outubro do ano passado. Na segunda-feira, o negociador brasileiro retomará as reuniões com o comitê de 22 bancos que representa os mais de 400 credores do Brasil. Esta semana ele negociou com os executivos do Citibank, Morgan Guaranty e Lloyds Bank, que dirigem o comitê dos bancos credores.

Fontes financeiras indicaram que embora haja progressos na negociações, ainda falta muito para um acordo. Os banqueiros têm estado silenciosos nos últimos dias. Um funcionário do governo americano disse que

"isso geralmente é sinal de que estão fazendo concessões que prefeririam não ter que admitir publicamente".

Os credores americanos, que ocupam um terço dos 22 lugares do comitê de bancos, parecem ter perdido um importante instrumento de pressão que vinham usando para convencer os demais bancos e o governo brasileiro a chegarem rapidamente a um acordo sobre os atrasados. Uma nova reclassificação de seus empréstimos ao Brasil pelas autoridades regulamentadoras de Washington já é tida como inevitável nos meios financeiros. O Interagency Country Exposure Risk Committee (Icerc), a comissão encarregada de avaliar a qualidade dos ativos internacionais dos bancos americanos, começa uma das três reuniões anuais na segunda.

Paulo Sotero, de Washington